

O tripé da alfabetização: consciência fonológica, princípio alfabético e letramento

Ana Paula Rigatti Scherer
rigatti.scherer@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)

RESUMO

O presente artigo trata do tripé da alfabetização: consciência fonológica, explicitação do princípio alfabético e letramento. A pesquisa de Rigatti-Scherer (2008) apresenta evidências quanto aos três eixos norteadores. São elas: desenvolver a consciência fonológica ao longo do período de alfabetização proporciona a aprendizagem da escrita de forma mais eficaz e esta, sendo estabelecida, proporciona melhor desempenho em consciência fonológica; a explicitação do princípio alfabético durante o período de alfabetização facilita a aprendizagem da escrita para estudantes de turmas regulares e de estudantes com necessidades especiais; o letramento possibilita a interação e o uso real das funções da leitura e da escrita. Os três “pés” equilibrados sustentam a alfabetização.

PALAVRAS-CHAVE

alfabetização. Consciência fonológica. Princípio alfabético. Letramento.

ABSTRACT

This article deals with the teaching reading and writing tripod: phonological awareness, explanation of the alphabetical principle and literacy. Rigatti-Scherer's research (2008) presents evidence regarding the three guiding axes. Are they: developing phonological awareness throughout the literacy period provides the learning of writing more effectively and that, being established, provides better performance in phonological awareness; the explanation of the alphabetical principle during the teaching reading and writing period facilitates the learning of writing for students of regular classes and students with special needs; literacy enables interaction and the real use of reading and writing functions. The balanced three “feet” support teaching reading and writing.

KEY-WORDS

teaching reading and writing. phonological awareness. explanation of the alphabetical. Literacy.

Introdução

O movimento desta escrita surge de duas direções: da fonoaudióloga preocupada com as dificuldades de aprendizagem de seus pacientes, enquanto terapeuta da rede pública de saúde; e da pesquisadora, que identifica nos resultados de pesquisa e nas vivências de professores o grande dilema de *como alfabetizar*. O presente artigo trata do tripé da alfabetização: consciência fonológica, explicitação do princípio alfabético e letramento, três eixos norteadores a serem desenvolvidos no período de alfabetização¹.

E por que um tripé? A palavra tripé provém do grego *tripous* e significa “três pés”. Assim, tripé é um artefato de três pés que tem a finalidade de manter sua estabilidade com algum propósito. Os fotógrafos utilizam o tripé para equilibrar sua câmera, os pintores utilizam o tripé para apoiar sua tela, alguns tipos de bancos são apoiados com no mínimo três pés. Muitas são as funções de um tripé. Mas o que mais nos chama a atenção e o que nos leva a relacionar o tema deste artigo com este objeto é: estabilidade. O que é necessário para termos estabilidade no que tange a alfabetização? Se um tripé mantém a estabilidade quando os três pés tem a mesma altura e constituição, também na alfabetização queremos mostrar que os eixos propostos necessitam manter o mesmo valor e importância no processo da aprendizagem da leitura e da escrita.

O artigo tratará dos três eixos chamando-os de “pés” para mantermos o foco na figura do tripé. Trataremos do pé consciência fonológica, do pé princípio alfabético e do pé literacia. Em cada um deles, pretendemos apresentar sua relevância por meio de dados de pesquisa e reflexões acerca das vivências junto às escolas.

1- O pé consciência fonológica

Para tratarmos de consciência fonológica temos que compreender que ela faz parte de uma habilidade maior: a consciência linguística, ou metalinguística. Para Gombert (1992) os estudos em metalinguagem

¹ O presente artigo é resultado de reflexões de minha Tese de Doutorado (Rigatti-Scherer, 2008) que não esgotaram-se ao longo da caminhada como pesquisadora e formadora de professores na área de alfabetização. Neste trabalho pretendo enaltecer o que ainda me é muito caro e que acredito ser fundamental na formação do alfabetizador.

iniciam por volta das décadas de 50 e 60, quando linguístas tomam a linguagem como base de reflexão. Desta forma, a consciência linguística compreenderia a tomada de reflexão sobre todas as estruturas da linguagem: fonológica, sintática, semântica, pragmática. “Pensar sobre a linguagem” seria fundamental para melhor compreendê-la e manipulá-la.

A consciência fonológica então, seria a tomada de reflexão e manipulação das estruturas fonológicas da língua. Conforme Freitas (2003),

A consciência fonológica “pressupõe a capacidade de identificar que as palavras são constituídas por sons que podem ser manipulados conscientemente. Ela permite à criança reconhecer que as palavras rimam, terminam ou começam com o mesmo som e são compostas por sons individuais que podem ser manipulados para a formação de novas palavras” (p.156).

A consciência fonológica compreende a reflexão dos níveis silábico, intrasilábico e fonêmico, sendo que o fonêmico é decisivo para a relação grafema-fonema (Barrera e Maluf, 2003).

O nível silábico compreende a habilidade de segmentar palavras em sílabas, aglutinar 44 sílabas para formar palavras e reconhecer que determinadas sílabas formam palavras. Segundo Gombert (1992), a sílaba é uma unidade natural de segmentação da fala. Trabalhos como de Capovilla e Capovilla (1997), Menezes (1999), Freitas (2004), Rigatti-Scherer (2008) e outros têm comprovado maior destreza de crianças em tarefas de manipulação silábica, comparadas a tarefas que envolvam os níveis intra-silábico e fonêmico.

O nível intra-silábico corresponde à consciência de que as palavras podem ser divididas em unidades maiores que o fonema, porém menores que a sílaba. Corresponde à divisão da sílaba em onset (ataque) e rima (Goswami & Bryant, 1990). As crianças percebem desde cedo não só rimas, mas também aliterações. Dowker (1989) refere que com menos de três anos as crianças usam rimas e aliterações.

O nível fonêmico também pode ser denominada consciência fonêmica. Esse nível representa a capacidade de segmentar palavras e sílabas em unidades sonoras ainda menores que as unidades intra-silábicas: os fonemas.

O fonema é a menor unidade sonora que pode transformar o significado de uma palavra (Goswami & Bryant, 1990). Dentre os níveis de consciência fonológica, o nível fonêmico é o que requer maior maturidade lingüística do falante, pois necessita que este lide com as menores unidades de sua língua, que por vezes passam despercebidas para ele. É neste nível que o aprendiz é capaz de realizar a relação entre fonemas e grafemas (escrita) e grafemas e fonemas (leitura).

Vários estudos mostram que a consciência fonológica relaciona-se com a escrita de forma recíproca, ou seja, algumas formas de consciência fonológica propiciam a aprendizagem da leitura e da escrita e outras podem ser causadas por ela. Há certos componentes da consciência fonológica que podem ser adquiridos antes de aprender a ler e podem favorecer essa aprendizagem, como também existem outros níveis de conhecimento fonológico que só se desenvolvem quando a criança toma contato com a leitura e a escrita alfabética. Dentre esses estudos, encontram-se os de Content (1984); Morais, Bertelson, Cary & Alegria (1986); Morais, Alegria & Content (1987). No Brasil, alguns dos trabalhos que defendem essa posição são Carraher (1986), Menezes (1999), Costa (2002), Freitas (2004) e Rigatti-Scherer (2008).

Pesquisas realizadas especificamente com a intervenção do professor ou pesquisador quanto à estimulação de habilidades de consciência fonológica mostram-se positivas quanto ao aumento do desempenho em consciência fonológica e no desempenho da escrita (Capovilla e Capovilla, 2000; Barrera e Maluf, 2003).

Rigatti-Scherer (2008) verificou em estudo longitudinal (março a novembro) com dez turmas de alfabetização, que desenvolver a consciência fonológica ao longo do período de alfabetização proporciona a aprendizagem da escrita de forma mais eficaz e que esta, sendo estabelecida, proporciona melhor desempenho em consciência fonológica. A pesquisadora comparou a metodologia utilizada pelas professoras das turmas, sendo que cinco delas desenvolveram atividades diárias de consciência fonológica (GE) e as outras cinco não realizaram atividades de reflexão fonológica (GC). Ao final do ano letivo verificou-se que as turmas nas quais houve atividades de metafonologia, o desempenho foi muito maior do que nas turmas que não utilizaram essas tarefas. Os resultados nos testes de consciência fonológica

das turmas GC em novembro (final do ano letivo) são semelhantes aos obtidos pelas turmas do GE em julho (metade do ano letivo). Percebemos que há diferença de um semestre entre as turmas. Quanto ao desempenho na escrita veremos mais adiante, ao longo do texto.

Em 2019, Santos e Barrera apresentaram estudo com 15 crianças pré-escolares as quais foram submetidas a um programa de intervenção diário durante 3 meses. Foi possível verificar que 11 das 15 crianças investigadas (73%) apresentaram um desempenho muito superior no pós-teste, indicando que eram capazes de fazer uma reflexão mais elaborada sobre a fala após terem passado pela intervenção.

2- O pé do princípio alfabético

O termo “princípio alfabético” foi escolhido sob inspiração em Scliar-Cabral (2003) a qual publicou o livro *Princípios do sistema alfabético do Português do Brasil*. A autora propõe seu trabalho justificando a importância destes princípios serem conhecidos por todos os profissionais que atuam no ensino/aprendizagem da leitura e da escrita no que tange os processos de decodificação (leitura) e codificação (escrita). Scliar-Cabral apresenta os princípios que regem as regras utilizadas para ler e escrever. Desta forma, utilizamos o termo ‘princípio alfabético’ para enfatizar a importância de não só conhecermos as letras, mas sim os princípios que regem o seu uso.

A escrita alfabética caracteriza-se por ser a que apresenta menor número de caracteres e maior possibilidade de combinação entre eles para a formação de palavras.

Conforme Morais (1996), o alfabeto foi uma invenção do homem, resultado da adaptação de um sistema pré-alfabético a novas necessidades, o que acarretou a descoberta daquilo que ele representa, o fonema. A partir de então parecia que o alfabeto tinha sido inventado para representar os fonemas, já que, aprendendo a ler num sistema alfabético, o homem era capaz de analisar sua fala em pequenos segmentos. O que se pode depreender disso é que o alfabeto não foi inventado para dar conta da noção do fonema, mas que, para analisar intencionalmente a fala em fonemas, é necessário aprender a ler num sistema alfabético. Outros sistemas de escrita, como os silábicos, não dão conta desta tarefa, enquanto que o sistema alfabético

possibilita chegar-se ao conhecimento da segmentação da fala em fonemas.

Os sistemas de escrita baseados na linguagem oral desenvolvem-se a partir das associações grafo-fonológicas, oferecendo uma verdadeira compreensão do relacionamento entre eles e a linguagem oral. Assim, como refere Morais (1997), o ato de escrever desenvolve-se à medida que a criança é capaz de compreender a relação que a fala mantém com a escrita e a forma como a primeira pode ser representada pela segunda. O mesmo autor, em 2013, refere que:

“a primeira condição para a aprendizagem da leitura é descobrir o princípio alfabético, ou princípio de correspondência entre fonemas e grafemas, isto é, que os fonemas são representados graficamente por letras ou grupos de letras. Esta descoberta exige uma espécie de análise introspectiva da fala combinada à identificação de letras.”
(2013, p. 22)

A aquisição da escrita requer um ensino formal, enquanto que, para a aquisição da linguagem oral, é necessário somente que tais crianças sejam criadas em um ambiente estimulante, no qual a linguagem seja utilizada. O que torna o aprendizado da escrita mais difícil é o fato de que a articulação da linguagem oral não é composta de sons isolados, tornando a representação alfabética uma abstração. Scliar-Cabral (2003) refere que o princípio fundamental do alfabeto a ser é desmembrar o *continuum* da cadeia da fala em seus constituintes mínimos (fonemas) e relacioná-los aos grafemas.

Desta forma é imprescindível que haja a explicitação do princípio alfabético no processo de alfabetização.

A pesquisa de Rigatti-Scherer (2008) citada anteriormente, também avaliou o desempenho da escrita ao longo do ano letivo de dez turmas de alfabetização. Os professores de cinco turmas (GE) foram capacitados a explicitar o nome e o ‘som’ das letras aos alunos, bem como as regras do princípio alfabético. As professoras das outras cinco turmas (GC) não realizaram essa explicitação, simplesmente mencionavam o nome das letras.

Como resultados, verificou-se que as turmas do GE obtiveram melhores

avanços no desempenho da escrita com relação às turmas do GC. As turmas do GC que não receberam explicitação do princípio alfabético atingiram o nível alfabético² no final do ano letivo, enquanto que as turmas do GE encontravam-se alfabéticas em julho (metade do ano letivo). Novamente podemos verificar que a diferença entre os grupos foi de um semestre letivo, sendo que para esta etapa de escolarização, este espaço de tempo é muito considerável. Estudantes, que na metade do ano letivo (julho) encontram-se no nível alfabético de escrita, terão mais um semestre letivo para investir na qualidade da ortografia, na fluência de leitura, na produção e compreensão textual.

Outra pesquisa desenvolvida pela autora (Rigatti-Scherer, 2020) com estudantes que frequentavam Salas de Recurso Pedagógico (SRP) por apresentarem necessidades especiais (síndromes, deficiência intelectual, etc), também mostra avanços significativos quando há explicitação do princípio alfabético. Foram acompanhados 124 estudantes de SRPs de escolas públicas de um município da região metropolitana de Porto Alegre (Brasil) ao longo do ano letivo (abril a novembro). Estes estudantes frequentavam as SRPs por apresentarem poucos avanços na leitura e na escrita e, com isso, enorme defasagem com relação aos demais de sua idade.

As professoras participaram de capacitações específicas realizadas pela pesquisadora e, ao longo do ano destinado à pesquisa, utilizaram como estratégia de ensino, a explicitação do princípio alfabético, enfatizando a relação fonema-grafema. Os resultados mostraram que 80% dos estudantes obtiveram avanços significativos na leitura e na escrita, sendo que em abril nenhum classificava-se como alfabético, e em novembro 66 estavam neste nível.

As evidências observadas em pesquisas e trazidas por estudiosos na área da linguística confirmam que desenvolver o conhecimento do princípio alfabético é deveras uma das chaves para a alfabetização. Morais em 1996 já trazia sua reflexão comparando a alfabetização com a aprendizagem de tocar um instrumento: ninguém começa a aprender a tocar piano recebendo toda a partitura; é necessário aprender uma nota de cada vez. Assim

² Entende-se nível alfabético como o nível que a criança é capaz de relacionar cada fonema a um grafema, sem preocupar-se com regras de ortografia. Na tese foram utilizados os níveis de escrita de Ferreiro e Teberosky (1985), cuja classificação era a mais utilizada na época nos campos de pesquisa. Hoje sabe-se da importância das fases de Linnea Ehri (1995), as quais poderiam elucidar os dados de uma melhor forma.

também acontece com a alfabetização: aprendemos grafemas/fonemas e suas relações, para mais tarde formarmos palavras, frases e textos.

3- O pé do letramento

Neste tópico queremos mencionar o terceiro 'pé' constitutivo dessa proposta de alfabetização: o letramento. O termo letramento é usado predominantemente no Brasil. Apesar de ter origem na palavra *literacy* do inglês, não pode ser considerada sinônimo. Letramento é o conjunto de práticas de leitura e escrita que compreende a faceta interativa - na qual a língua escrita é veículo de interação entre as pessoas; e a faceta sociocultural - que compreende os usos e funções da escrita (Soares, 2016).

Trazemos o letramento como um dos suportes da alfabetização, pois o ensino da língua escrita precisa ser desenvolvido em um contexto no qual a criança participe de eventos que envolvam leitura e escrita (Soares, 2004). Aprender a lidar com a língua escrita não é suficiente para chegar ao letramento. A criança necessita dominar o princípio alfabético e saber fazer o uso da leitura e da escrita em diversas situações a que for exposta.

Na pesquisa de Rigatti-Scherer (2008) já mencionada nos dois tópicos anteriores, verificou-se, por meio das observações, que nas turmas GE, nas quais realizaram-se atividades de consciência fonológica, e explicitação do princípio alfabético, também realizavam-se desde o início do ano letivo, o uso de diversos gêneros textuais, apesar de as crianças ainda não fazerem a decodificação leitora. O convívio com material escrito e os momentos de interação com a literatura, com textos diversos, enriqueceu o processo de compreensão do sentido da leitura. Para isso ocorrer, eram vivenciados momentos de hora do conto, uso de receitas, leitura de histórias, brincadeiras com parlendas, leitura e declamação de poemas, manuseio de revistas, jornais e outros materiais escritos.

4- Para um tripé equilibrado

Ao falarmos um pouco de cada um dos pés do tripé da alfabetização, como dizer que o tripé se manteria sem um deles? Como a alfabetização

se concretizaria somente com habilidades de consciência fonológica? Neste caso, teríamos que aceitar que a escrita é uma mera reprodutora dos fonemas da fala, sem haver um princípio ou regras para organizar a língua.

Como seria se somente levássemos em conta o princípio alfabético ou as letras do alfabeto? Provavelmente um dos pés mais utilizados atualmente, mas que sem a consciência fonológica, não é suficiente. A quem diga que aprender as letras e fazer uso do letramento é o bastante. Não, meus caros.

Este texto quer mostrar exatamente isso: não é possível manter a alfabetização sustentada, equilibrada, sem que o sujeito domine e conheça as regras de codificação e decodificação da língua, realize a reflexão lingüística da mesma e, por fim, saiba fazer bom uso dela.

Resgatando nossa primeira reflexão: tripé é um artefato de três pés que tem a finalidade de manter sua estabilidade com algum propósito. Qual é mesmo o nosso propósito, leitores?

Garantir a alfabetização as nossas crianças.

REFERÊNCIAS

- Barrera, S.D. ;Maluf, M.R. 2003. Consciência metalingüística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16 (3), 491-502.
- Capovilla, A. G.; Capovilla, F. C. 1997. Treino de consciência fonológica e seu impacto em habilidades fonológicas, de leitura e ditado de pré-3 a segunda série. *Ciência Cognitiva: Teoria, Pesquisa e Aplicação*, 1 (2), 461-532.
- Capovilla, A. G. S.; Capovilla, F. C. 2000. Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível sócio-econômico. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13 (1), 7-24.
- Carraher, T.N. 1986. Explorações sobre o desenvolvimento da ortografia em português. Isto se aprende com o ciclo básico. Projeto Ipê. São Paulo: *Secretaria de Estado da Educação – CENP*, 109-117.
- Content, A. 1984. L' analyse phonétique explicite de la parole et l' acquisition de la lecture. *L' année Psychologique*, (84).

- Costa, A.C. 2002. *Consciência fonológica: relação entre desenvolvimento e escrita*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de letras, PUCRS, Porto Alegre.
- Dowker, A. 1989. Rhime and alliteration in poems elicited from young children. *Journal of Child Language*, (16), 181-202
- Editorial QueConceito. Sao Paulo. Disponível em: <https://queconceito.com.br/tripe> . Acesso em: [25 de junho de 2020]
- Ehri, L. C. 1995. Phases of development in learning to read words by sight. *Journal of Research in Reading*, 18, 116–125.
- Ferreiro, E.; Teberosky, A. 1985. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artemed.
- Freitas, G. M. 2004. Consciência fonológica e aquisição da escrita: um estudo longitudinal. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2004.
- Gombert J. E. 1992. *Metalinguistic Development*. Chicago: University of Chicago Press.
- Goswami, U.; Bryant, P. 1990. *Phonological Skills and Learning to Read*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Menezes, G. 1999. *A consciência fonológica na relação fala-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre.
- Morais, A. P. 1997. *A relação entre consciência fonológica e as dificuldades de leitura*. São Paulo: Vetor.
- Morais, A. G. 2004. A apropriação do sistema de notação alfabética e o desenvolvimento de habilidades de reflexão fonológica. *Letras de Hoje*. 39, (3), 175-192.
- Morais, A. G. 2007. *Concepções e metodologias de alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos “métodos”?* Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_moarisconcpmetodalf.pdf Acesso em: 6 abr 2007.
- Morais, J. 1996. *A arte de ler*. São Paulo: UNESP.
- Morais, J.; Alegria, J; Content, A. 1987. Segmental Analysis and Literacy. *Chiers de Psychologie Cognitive*, 7, (5), 415-437.
- Morais, J.; Bertelson, P.,; Cary, L; Alegria, J. 1986. Literacy Training and Speech Segmentation. *Cognition*, 24, 45-64.
- Morais, J.; Leite, I; Kolinsky, R. 2013. Entre a pré-leitura e a leitura hábil: condições e patamares da aprendizagem. In: Cardoso-Martins, C.; Maluf, M. R. *Alfabetização no século XXI*. Porto Alegre: Penso, 17-48.

- Rigatti-Scherer, A. P. 2008. Consciência fonológica e explicitação do princípio alfabético: importância para o ensino da língua escrita. Tese. Doutorado em Letras. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre.
- Santos, M.J; Barrera, S.D. Impacto do treino em habilidades de consciência fonológica na escrita de pré-escolares. São Paulo: *Psicologia Escolar e Educacional*, v 21, n 1, jan/fev 2017, p. 93-102.
- Scliar-Cabral, L. 2003. *Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Soares, M. 2016. *Alfabetização - a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto.